



## Ensino superior Classificações internacionais atraem alunos e professores a Portugal

# Universidades portuguesas já não vivem sem os rankings

As escolas nacionais estão a subir lugares em listas independentes que comparam instituições de ensino no mundo. Economia e Gestão lideram

João d'Espiney e Ana Rute Silva

As universidades de Aveiro, Porto, Coimbra e Nova de Lisboa entraram pela primeira vez no ranking mundial das 400 maiores universidades do Times Higher Education 2011/2012, publicado pelo diário britânico *Times*. As duas primeiras escolas partilham o 301.º lugar, as duas segundas o 351.º. A instituição portuguesa conseguiu ainda trepar 100 posições e alcançar o 301.º lugar (em 500) no ranking de Xangai, outro dos mais conhecidos a nível mundial. A Clássica de Lisboa manteve o 401.º posto obtido em 2010.

Apesar deste desempenho, pouco ou nada se falou sobre estas distinções. E os casos mais mediáticos são os das faculdades de Economia e Gestão da Católica e da Nova que, este ano, conseguiram subir de lugar na reputada lista das 75 melhores escolas de Gestão da Europa elaborada pelo *Financial Times*. A primeira subiu 18 posições para a 33.ª e a segunda 34, ficando agora em 39.ª. Num outro ranking elaborado pelo diário britânico (que selecciona os melhores programas de formação para executivos feitos à medida) também está a Escola de Gestão do Porto, em 65.º lugar.

Helena Pereira, reitora interina da Universidade Técnica de Lisboa (UTL), explica que a Economia, e sobretudo a Gestão, são mais “mediáticas”, nomeadamente “por causa dos MBA”. Além disso, os rankings são feitos por um jornal económico e têm “associado um marketing poderoso”. Por outro lado, salienta, são actividades “relativamente baratas”, pois não implicam “grandes laboratórios e equipamentos”.

“Os rankings na Ciência, Engenharia ou Medicina são mais complexos”, diz a responsável da Técnica, lembrando que há outras áreas em que Portugal “está muito bem colocado”, como a Arquitectura, Bioquímicas e Biotecnologias. “Somos foco de atracção internacional de estudantes”, garante Helena Pereira, assegurando que o país tem algumas escolas e universidades bem posicionadas em

rankings. “Não têm é o mediatismo associado”, acrescenta.

Para Maria Arménia Carrondo, vice-reitora da Nova, as áreas da Economia e Gestão “são um mundo um bocadinho à parte” e o facto de as universidades não aparecerem em lugares de destaque nos rankings globais é porque há muitas mais instituições, e com outro prestígio, a concorrer, nomeadamente as norteamericanas – que ganham às europeias. “A realidade da aplicação de outros rankings é muito mais ampla, mas Portugal aparece e em lugares relativamente honrosos”, diz, apontando ainda o caso de distinções que medem o impacto da ciência onde também há universidades portuguesas “com posição respeitável”.

Maria Arménia Carrondo chama a atenção, no entanto, para o aumento da “diversidade dos rankings” e para o facto de existirem vários com poucos parâmetros, alguns muito criticados. “Os que têm poucos indicadores são criticados por serem muito simplistas”, na medida em que se “focam mais na qualidade ou tamanho da investigação ou no número de Prémios Nobel”, como é o caso do de Xangai. “Esta história dos rankings é uma moda que



“É perigoso as escolas mudarem a sua gestão estratégica para estarem nos rankings”, diz José Ferreira Machado

se criou como a dos telemóveis ou dos Iphones. E quer se goste ou não está para ficar”, avisa.

### Ganham ou perdem?

As universidades portuguesas têm mais a ganhar ou a perder com os rankings internacionais? “Têm a ganhar. As universidades vão ser obrigadas a recolher informação interna de uma série de parâmetros que até agora não tinham estruturados e de forma centralizada. O conhecimento da própria realidade interna é um benefício, pois vai permitir saber quais são as áreas mais fortes, as mais fra-

Bandeiras de vários países na Universidade Católica, em Lisboa



cas e onde devem melhorar. Depois, a competição é a lei da vida”, responde a vice-reitora da Nova.

A reitora interina da Técnica não tem dúvidas em afirmar que as grandes têm a ganhar, “partindo do pressuposto que estão fortemente empenhadas em melhorar a sua qualidade e a sua inserção no panorama internacional”. Já as pequenas “estão limitadas na sua sobrevivência”, com os constrangimentos orçamentais.

Referindo-se ao futuro ranking (U-Multirank) que está a ser preparado com o patrocínio da Comissão Europeia, Helena Pereira considera que os indicadores que vão ser usados vão permitir uma avaliação mais criteriosa e afinada. O conjunto de indicadores vão ser separados por áreas de actuação da universidade e irão abranger parâmetros como a produção científica, formação, internacionalização, ligação ao mercado de trabalho, patentes, entre outros. “A nós [Técnica] beneficia-nos, pois noutros rankings os americanos e os chineses têm alguns critérios que os beneficiam”. A responsável da UTL defende, por outro lado, que a anunciada fusão com a Clássica de Lisboa dará “mais condições para uma me-

lhor classificação”. “Do ponto de vista de dimensão somos muito parecidas – número de alunos, professores, diplomados, doutores, laboratórios”, acrescenta.

Maria Arménia Carrondo também é da opinião de que o U-Multirank poderá beneficiar as universidades portuguesas, já que é um sistema multidimensional, com vários indicadores em cada uma das dimensões das universidades (ensino, investigação, transferência de tecnologia, nível de internacionalização, implantação regional, entre outras). “O facto de ter um conjunto de indicadores mais específico e pormenorizado vai permitir que cada instituição escolha a área e as dimensões com que se quer comparar com as outras”, defende a vice-reitora da Nova, revelando que o projecto que está em cima da mesa – e que aguarda financiamento para ser concretizado –, abrange 159 universidades, mais de metade europeias.

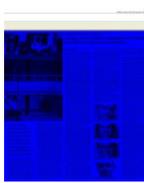
### Subir em todos os níveis

Fátima Barros, directora da Faculdade de Economia e Gestão da Católica, acredita que “há um antes e um depois dos rankings”. “O impacto na nossa reputação a nível internacio-

nal foi muito grande”, garante Fátima Barros, dando como exemplo o convite para integrar a direcção da Association to Advance Collegiate Schools of Business.

Pelo contrário, José Ferreira Machado, director da Faculdade de Economia e Gestão da Nova, desvaloriza a importância do aparecimento dos rankings, mas não tem dúvidas de que lá estar “é muito difícil”. Esta é uma “liga de meninos crescidos”. As tabelas do *Financial Times* são “um marcador de um percurso” que pode facilitar a estratégia internacional. “É esse o desafio”, defende. “Uma das críticas que faço é as escolas mudarem a sua gestão estratégica para estarem nos rankings, e isso é perigoso. Há aspectos perversos e críticos nos critérios, nomeadamente, o peso do indicador relativo aos salários (é a variável com mais peso), mas [no caso da Nova] ainda é cedo para medir os impactos”, afirma. Ferreira Machado aponta ainda o facto de os rankings potenciarem “a capacidade exportadora” do sector do ensino superior. “Contribuímos mais do que 95 por cento das empresas portuguesas que exportam”, afirma.

Nuno de Sousa Pereira, porta-voz da



FOTOS: RITA CHANTRE

## Os casos mais mediáticos são os das faculdades de Economia e Gestão da Católica e da Nova, que subiram 18 e 34 posições, respectivamente, na lista do FT de 2011

Escola de Gestão do Porto, identifica o aumento do grau da notoriedade desde que entraram no ranking do FT, o que tem "impacto directo no volume de negócios". "Tivemos um aumento do número de empresas, até mais do que alunos, a contactar-nos", diz, referindo ainda que a presença neste ranking "obriga a que se aperfeiçoem processos e se invista na melhoria contínua de todas as áreas de negócios".

Ricardo Reis, economista e pro-

fessor na Universidade de Columbia, também não tem dúvidas da importância das universidades portuguesas aparecerem em rankings como os do FT. "Atrai mais alunos estrangeiros, que poderão ficar em Portugal e trazer consigo o seu capital humano", afirma, sublinhando também o efeito positivo dos programas de MBA nas receitas das universidades. Já quanto ao impacto do ensino superior na economia, Ricardo Reis defende que "está subavaliado" na medida em que "tem muitas externalidades positivas". "Quando uma empresa nasce nas redondezas de uma universidade é uma contribuição para o PIB que não é atribuída à universidade", refere o economista, salientando que "os resultados directos da investigação não podiam ser mais transaccionáveis: são publicados em inglês em revistas internacionais, pelo que são incorporados pela comunidade científica muito rapidamente".

Goste-se ou não dos rankings e comparações, ao captar a atenção de alunos estrangeiros, as universidades portuguesas garantem diversidade na sala de aula e uma fonte de facturação que não depende do mercado doméstico.

## Mestrados da Nova e da Católica

# Língua, bom tempo e rankings determinam escolhas dos alunos estrangeiros

### Ana Rute Silva

● A Nova School of Business and Economics, como é agora denominada a Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, não foi a primeira escolha do alemão Benjamin Henkes. Nem a segunda, nem a terceira.

Quando terminou o bacharelato em Negócios Internacionais na Universidade de Maastricht a primeira coisa que fez foi pegar na tabela do *Financial Times* e ver que universidades estavam entre os dez primeiros lugares no ranking dos melhores mestrados em Gestão. Tinha acabado de fazer um estágio na Índia numa empresa alemã, mas queria continuar a estudar numa escola de prestígio. Escolheu a Rotterdam School of Management (Escola de Gestão de Roterdão), da Universidade Erasmus (em 10.º lugar na lista) para fazer o mestrado de Gestão Internacional do CEMS MIM, uma rede internacional composta por 26 instituições académicas de topo e que é considerado o segundo melhor da Europa pelo diário britânico, com reconhecimento à escala global.

No âmbito do mestrado, Benjamin, de 24 anos, teria de escolher uma outra universidade da rede CEMS para fazer um semestre no estrangeiro. No seu horizonte estavam, por exemplo, a London School of Economics and Political Science ou a Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas. Não entrou. Restou a Nova. "Individualmente está muito abaixo na classificação [61.º, num total de 65 escolas, em 2011], mas como tem o CEMS, que está em segundo, pensei que podia aproveitar e aprender português. Não iria focar-me tanto no ensino", admite.

Benjamin chegou sem expectativas. Queria ir para a praia, aprender português e ter boas notas – o que, achava, não seria difícil. "Tenho de dizer que estou positivamente impressionado", admite. Em Lisboa encontrou aulas motivadoras, professores interessados nos alunos e um apoio permanente do gabinete que recebe os estudantes internacionais. Sem ranking, jamais teria vindo estudar para Portugal.

Desde que entrou para as prestigiadas listas do FT a Nova está mais internacional. Nos corredores, todas as placas de informação estão em português e inglês, opção tomada pela direcção da faculdade para garantir e impulsionar a ambicionada internacionalização. Nos corredores, circulam alunos de várias nacionalidades. Fala-se em inglês, dentro e fora das aulas.

Aleksandar Temelkov, búlgaro, 23 anos, veste um pólo de manga curta, indiferente ao frio. Na mão, segura o telemóvel, um jornal económico e os óculos escuros. Não é a primeira vez que está em Lisboa e a sua ligação com a língua portuguesa começou há muito, no ensino secundário, quando teve aulas de português. Por isso, quando

decidiu que ainda era cedo para entrar no mercado de trabalho e quis continuar a estudar, Portugal surgiu na sua rota. "Primeiro queria o melhor mestrado. Depois pensei na ligação cultural e na língua. Lembrei-me do intercâmbio que tinha feito em 2005 em Portugal, vi o programa da Nova e achei-o muito bom", conta. No seu perfil da rede social LinkedIn fez questão de sublinhar o curso da Nova, "#2 Ranking *Financial Times*".

Anastasia Alekseeva, 22 anos, russa, não precisou de pensar muito para escolher a Nova. "Foi eleita a melhor escola da rede CEMS e esse foi um factor importante", explica. Depois de conversar com outros alunos que tinham estudado fora do país, decidiu inscrever-se. "Tenho de admitir que o clima e a localização influenciaram em muito a minha decisão. Poderia ter ido para a Universität St. Gallen (em 1.º lugar), na Suíça, muito boa em termos de ensino mas localizada num sítio aborrecido", confessa.

O clima e a cultura também foram decisivos para a polaca Aleksandra Kowalick, 23 anos. "Estive em Coimbra a fazer Erasmus e a cultura, o clima e as pessoas fizeram-me querer vol-

tar", conta a aluna do mestrado em Finanças (29.ª posição em 30), que já tem emprego garantido num banco de investimento no Reino Unido.

### Ambiente internacional

Na Católica Lisbon School of Business and Economics há muito que estar (e progredir) nos rankings publicados anualmente pelo FT é um objectivo. Foi a primeira faculdade portuguesa a receber o estatuto Triple Crown, detendo as três certificações mais importantes do sector, e a estratégia não demorou a dar frutos: entre 2007 (ano em que entrou pela primeira vez na lista das melhores escolas para a formação de executivos) e 2009 o número de alunos a querer frequentar uma licenciatura disparou 60%. Este ano, e apesar da crise, foi alcançada a maior facturação de sempre na história da faculdade, na ordem dos 14 milhões de euros, segundo Fátima Barros, directora da instituição privada.

Johanna Fries, Matthias Berchtold e Adam Thyboe chegaram a Lisboa em Agosto para frequentarem o mestrado. À hora marcada já estavam sentados numa das salas de reunião da faculdade para conversar com o PÚBLICO. Falam em inglês, descontraídos, prestes a regressar a casa para gozar as férias de Natal. "O que fiz foi consultar o ranking do FT, depois olhei para os países, a pensar nas hipóteses de aprender outra língua e pensei no português", diz Matthias, austríaco de 25 anos, fluente em inglês, com noções de italiano e mandarim chinês, que sublinha "o ambiente internacional" existente na Católica.

As certificações detidas pela faculdade foram um ponto importante para Johanna, 24 anos, alemã, que destaca a "garantia da qualidade de ensino". "Já falava português porque participei num intercâmbio no Brasil, em Fortaleza, durante o secundário. Ao mesmo tempo, queria um mestrado em Inglês e entre a Católica e a Nova, decidi-me pela primeira", conta. Johanna está de olhos postos no crescimento económico do Brasil e, com o português fluente terá mais facilidade em aprender espanhol. Estar em Portugal trouxe-lhe esta vantagem.

A posição da Católica no ranking do FT foi um ponto positivo a juntar à lista de vantagens elaborada por Adam, da Dinamarca. Escolheu a escola através da recomendação de amigos porque queria continuar a estudar e Portugal – em concreto, Braga – já lhe era muito familiar. Está a trabalhar na subsidiária portuguesa da Innovayt, empresa dinamarquesa, desde 2009. "A flexibilidade do programa de mestrado cativou-me", justifica.

Tal como na Nova, mais de 30% dos 200 alunos de mestrado da Católica são estrangeiros. A presença nos rankings é determinante para os cativar. O clima, a cultura e a qualidade de vida vêm depois.



Adam Thyboe, dinamarquês



Johanna Fries, alemã



Matthias Berchtold, austríaco



Aleksandar Temelkov, búlgaro



## Ensino superior Melhor ambiente mas salários mais baixos em Portugal

# Caça pelos melhores professores é feita à escala global

Ana Rute Silva

Escolas portuguesas garantem mais tempo para investigação mas não conseguem oferecer mesmo nível salarial de outras instituições

● Nova e Católica competem entre si pelos melhores lugares no ranking, pelos melhores alunos e pelos melhores professores. Não é raro um docente ser entrevistado pelas duas escolas, que esgrímam argumentos e avançam ofertas. Contratar num mercado global é uma tarefa árdua quando se tem um orçamento limitado, mas o tempo disponível para investigação, a localização e o clima (mais uma vez) e a qualidade dos alunos funcionam como argumentos importantes para cativar os professores.

“Há muita concorrência pelos melhores professores. E no processo de recrutamento temos de passar várias etapas, ter cartas de recomendação, apresentar trabalho académico. Eu queria ficar na Europa e a Nova deu-me a possibilidade de equilibrar a investigação com as aulas, num ambiente internacional”, diz Violetta Gerasyenko, doutorada em Gestão (HEC, Paris School of Management) e professora de Empreendedorismo na Nova School of Business and Economics há três anos.

José Ferreira Machado, diretor da faculdade, diz que 30% dos docentes são estrangeiros e a crise poderá ter impacto nas contratações. “São as melhores internacionais que têm os melhores professores e alguns vão sair. Traduz-se numa redução da internacionalização”, lamenta.

O recrutamento pode ser feito em



Violetta Gerasyenko

grandes eventos onde a oferta e a procura se cruzam. Com um lugar no ranking, as universidades portuguesas conseguem maior visibilidade. E, na hora de contratar, o salário nem sempre é o fator mais importante.

“Se fosse só uma questão de preço, teríamos dificuldade em atrair boas pessoas para Portugal. Uma das vantagens é oferecermos um ambiente de trabalho extraordinário. A escola é virada para a investigação, algo que não acontece em muitas escolas de Gestão na Europa”, explica Fátima Barros, da Católica Lisbon School of Business and Economics.

Céline Abecassis-Moedas foi a segunda professora estrangeira a ser recrutada pela Católica, há seis anos. “Fui das primeiras a dar aulas em in-



David Patient

glês e ao início tinha poucos alunos estrangeiros. Os resultados actuais reflectem um trabalho anterior”, lembra a docente, que dava aulas na Queen Mary University of London e foi consultora da AT Kearney.

Rui Albuquerque, de 42 anos, regressou a Portugal depois de 17 anos nos Estados Unidos, onde dava aulas de Finanças na Universidade de Boston. Os rankings são “importantes para a visibilidade das escolas” e obrigam a que haja “excelência para ter boas notas nos critérios”. Para um professor, ter bons alunos é “muito importante” e na hora de escolher uma universidade isso também pesa. “Quando vim para Lisboa, tinha duas possibilidades: ou ir para a Nova ou ir para a Católica. Optei pela segunda. Tem mais flexibi-

lidade e não está sujeita às regras da Nova, que tem feito um esforço para se libertar dos constrangimentos de ser uma escola pública”.

“O salário que aufero é uma pequena fracção do que ganhava [no Stevens Institute of Technology, Nova Jérsey, Estados Unidos]”, diz Robert Stinerock, professor de Estatística na Nova. Contudo, os alunos, os colegas e o ambiente ditaram a sua escolha. “A oferta adequava-se ao que eu e a minha família procurávamos. Queríamos viver numa cidade mais pequena, num ambiente mais tranquilo e num país que conhecêssemos e gostássemos. Além disso, a Nova é uma universidade de alta qualidade”, afirma.

Espanha e França também estavam

entre as opções de David Patient, canadiano, professor de Comportamento Organizacional na Católica há cinco anos. Mas a cidade de Lisboa e o “ambiente único” que encontro nesta faculdade influenciaram a decisão. “A Católica não estava no ranking do FT e vir era um alto risco. Esta progressão nos rankings é prova de que a minha escolha foi acertada”, diz, sublinhando que não é preciso estar nas tabelas para ser uma boa escola.

Por seu lado, Miguel Ferreira, coordenador dos mestrados em Finanças da Nova, refere que com a entrada neste jogo europeu das melhores instituições de ensino passou a existir maior “diversidade na sala de aula”. “É bastante motivante e os alunos trazem experiências novas.”

FOTOS: RITA CHANTRE

## Listas do Financial Times

# Rankings para todos os gostos distinguem as melhores no ensino da Gestão

Ana Rute Silva

● Todos os anos o Financial Times elabora pelo menos nove rankings que elegem as melhores escolas de Gestão, os melhores MBA executivos (part-time), os melhores MBA a tempo inteiro, os melhores mestrados em Gestão, os que se distinguem em Finanças (pré e pós-experiência), a formação para gestores à medida ou na formação aberta a todos.

Há tabelas para todos os gostos, elaboradas com base em critérios que vão desde o salário que os alunos conseguiram auferir três anos após o curso, até à percentagem de mulheres no corpo docente.

Para elaborar as listas, o diário britânico recorre a questionários online, feitos quer às escolas, quer aos antigos

alunos. No caso dos mestrados em Gestão, para uma faculdade ser elegível, 20% da taxa de respostas têm de vir de ex-estudantes. Os dados recolhidos no questionário são determinantes para seis dos 16 critérios que compõem a elaboração do ranking: o salário ac-



Para elaborar as listas o diário britânico recorre a questionários online, feitos quer às escolas quer aos antigos alunos

tual, o benefício obtido com o investimento (value for money), progressão na carreira, concretização dos objectivos iniciais, sucesso na busca de emprego e mobilidade internacional.

A progressão das escolas portugue-

sas nem sempre tem sido positiva, mas este ano a subida de posições na lista das melhores universidades para o ensino da Gestão deu novo alento à Católica Lisbon School of Business and Economics e à Nova School of Business and Economics, que estão entre as 40 melhores da Europa, em 33.º e 39.º lugar, respectivamente.

Quando o MBA a tempo inteiro for contabilizado – as duas faculdades têm uma parceria e criaram o The Lisbon MBA com o apoio da prestigiada Sloan School of Management (do MIT) – é muito provável que a posição na lista melhore ainda mais.

Para já, os efeitos mais visíveis de estar nos rankings do FT traduzem-se num aumento de alunos e professores estrangeiros e, em consequência, numa subida da facturação.

## Classificação em 2011 no Financial Times

Escolas portuguesas de gestão entre as melhores

Ranking	Escola	Posição em	
		2011	2010
As melhores escolas de gestão	● Católica Lisbon School of Business and Economics	33.º	51.º
	● Nova School of Business and Economics	39.º	73.º
Mestrados em gestão	● Católica Lisbon School of Business and Economics	65.º	Não estava incluída
	● Nova School of Business and Economics	61.º	57.º
	● CEMS MIM*	2.º	2.º
Mestrado oferecido por uma rede internacional de 26 instituições académicas de topo			
Mestrados em Finanças pré-experiência profissional	● Nova School of Business and Economics	29.º	Não estava incluída
Formação para Executivos costumizada	● Católica Lisbon School of Business and Economics	45.º	42.º
	● EGP-University of Porto Business School	65.º	Não estava incluída
Formação para Executivos aberta	● Católica Lisbon School of Business and Economics	54.º	52.º
	● Nova School of Business and Economics	65.º	Não estava incluída

Fonte: PÚBLICO



**Público**

# Universidades

## Subida nos rankings atrai professores e alunos estrangeiros

Págs. 2 a 4

**Adam Thyboe, Johanna Fries e  
Matthias Berchtold, três alunos  
estrangeiros em Portugal**

REDA CHANTRE